

CONVIVENDO COM O MORRER

Virginia Deodato¹

J. E. Lima²

Resumo. A maior angústia existencial ainda é o lidar com o fim, com a terminalidade, com a morte. Conviver com a angústia de morrer estabelece uma contradição entre a realidade de estarmos morrendo em nosso processo de vida emocional e também com fim da vida biológica sob muitas situações, criando em nós a expectativa que estamos a qualquer momento próximo à morte, vivendo a morte. O que não nos damos conta é que nosso morrer deriva-se do fato de termos nascido, o que indica, nascemos para morrer. Pensar sobre a própria morte é pensar no que está exclusivamente "dentro de nós" e como lidamos com o "pequeno e grande morrer".

Palavras Chave: Morte. Terminalidade. Existência. Gestalt.

No mundo em que vivemos, apesar de todo avanço científico e tecnológico, a maior angústia existencial ainda é o lidar com o fim, com a terminalidade, com a morte; o que nos faz permanecer mantendo contato com todas as tradições no que se referencia a "algo além". Há, de fato, algo que transcende nossa percepção e é permanente. Está além da percepção de nossos cinco sentidos, suporta este mundo e determina nossas vidas. Este fato se transforma para nós em um dado real, pode fazer-nos transcender, isto é, ir além, o que dificulta e, às vezes, torna quase impos-

¹ Odontóloga, Especialista em Nutrição e Saúde. Autora do livro *Amamentação: o melhor início para a vida*. São Paulo: Santos, 2005.

² Psicólogo Clínico, treinador de *Workshops*.

sível uma mudança que venha a nos possibilitar vivenciar o novo.

Hoje em dia, as pessoas não morrem mais como antigamente. A hospitalização, as unidades de terapia intensiva e a invenção dos transplantes caracterizam grandes tendências que se iniciaram no século XX e que alteraram totalmente o horizonte da morte e do morrer. A perspectiva hoje é de o ser humano terminar seus dias num leito de hospital, preso a uma série de tubos e aparelhos, e como um eventual doador de órgãos a serem retirados ainda vivos quando esta pessoa estiver legalmente morta (isto é, numa definição de morte legal para fins precípuos de transplantes). Aos profissionais da saúde, foram dados novos poderes de técnicas e procedimentos que podem retardar ao máximo a hora da morte e implicam obviamente num acréscimo de responsabilidade na grave questão de definir, afinal, quando então será preciso desistir, aceitando o irreversível.

Dentre as várias opções criadas por nossa existência, é o aspecto espiritual e religioso que nos traz um aparente conforto de continuidade, independente de como isso se proceda. As mais comuns promessas religiosas e espirituais são as da eternidade da alma, do renascer em um paraíso como gratificação ou mergulhar no inferno como castigo. Ainda, renascer no nosso mundo físico, com uma proposta de evoluir com uma essência espiritual através de processos “kármicos”. Isto faz com que, quando, em nossas relações com os fenômenos mundanos, algo não sai dentro de nossas expectativas, atribuímos às forças exteriores, divindades ou à aceitação da fé, em

frases como: “Deus quis ou Deus não quis”. Assim, distanciamos-nos da possibilidade de mudar a realidade, permitindo que a “morte”, o “fim” possam favorecer um “ressurgir”. Todavia, todas essas promessas vinculadas aos diversos credos não nos privam de qualquer forma de vivenciar em um nível psicológico bem concreto, o conviver com “as perdas existenciais e biológicas”.

Havia, em Paris, uma reprodução da pintura da **Dança dos mortos** que ficava num dos muros do **Cimetière des Innocents** (1424), mostrando cada pessoa dançando com sua própria morte, simbolizando a convivência permanente do homem com a morte. É pelo pensamento que o homem pode vivenciar a presença da morte sem acontecer de morrer de fato e essa é mais uma das razões pela qual permitimo-nos falar da morte.

No século XIX, a morte saiu da temática central dos textos filosóficos, e foi talvez Kierkegaard quem inaugurou uma nova perspectiva, chamada depois “existencial”, descrevendo a morte como algo que, para cada um de nós, é certo, mas cuja hora é bem incerta. Os filósofos da existência, no século XX, aprenderam esse dado sob a fórmula mais genérica da experiência da “finitude humana”. Para Heidegger, um dos “existenciais”, o homem é o “ser-para-a-morte”.

A característica básica do ser humano é o pensar, o modo e a ação de como o faz. Jean Ladrière (1978) diz que, “para o ser humano, o conceito de ação é o acontecimento através do qual ele se *fenomenaliza*”. Além disso, sustenta que “é ao ver o ser humano na sua ação que compreendemos a sua complexidade”. Isto porque,

em toda a ação, a totalidade do sentido humano está em jogo. E salienta: “é possível fazer incidir a atenção sobre a efetuação das faculdades ditas espirituais: a razão e a vontade”. Ladrière cita um texto célebre de Descartes, da primeira metade do século XVII, onde o filósofo põe em questão as suas próprias doutrinas acerca da distinção nítida entre alma e corpo. Disse Descartes:

os que nunca pensam e nunca se servem do seu sentido não duvidam que o corpo seja unido com a alma. É preciso conceber a sua união. Mas conceber a união entre duas coisas é concebê-las como uma única. Enquanto nos mantemos no campo da experiência comum, pensamos as duas coisas como uma realidade una. Existe entre a alma e corpo uma união que faz deles uma coisa que sentimos e que não compreendemos como deveríamos (apud LADRIÈRE, 1978).

Desta forma, quando o ser humano escolhe guardar uma raiva, uma dor, uma tristeza ou outro sentimento, seja ele consciente ou inconsciente, pode moldá-lo por um tempo indefinido, na tentativa de perpetuar estas sensações em detrimento de possíveis “ganhos” no modo relacional. Assim, parecerá mais fácil entender que a eternização de nossos caracteres, como seres únicos, depende de como pensamos e como nos sentimos diante dos eventos e das circunstâncias que levam ao campo da experiência o nosso existir.

Kellemam (1992) e Campbell (1991) expõem que a experiência está ligada ao mito. Estar mergulhado na própria experiência é viver seu próprio mito, sua própria história de vida. Toda vez que refletimos sobre aquilo que experimentamos, estamos criando uma

história para explicar aquela experiência ou estamos aceitando a explicação de outrem sobre esta experiência, seja ela vinda de nossos pais, professores, chefes e até mesmo de nossa própria cultura.

O convívio com a angústia de morrer estabelece um paradoxo entre a realidade de estarmos morrendo em nosso processo existencial e o fim biológico sob muitas circunstâncias. Doenças, acidentes e desafetos profundos criam em nós a expectativa que estamos sob a eminência da morte. O que não nos damos conta é que nosso morrer existencial deriva-se do fato de termos nascido, o que indica, nascemos para morrer.

Merleau-Ponty (apud ZUBEN, 2009), filósofo que também se confrontou com a distinção entre alma e corpo e tentou pensar aquilo que Descartes atribuía à experiência não reflexiva ou não filosófica, disse: “O corpo não é um objeto: é o corpo vivido. Pela mesma razão, a consciência que tenho do corpo não é um pensamento. Não posso compor e recompor o corpo a partir do pensamento”. Para Ladrière (1978), também “o corpo não é o corpo orgânico na sua descrição científica, nem o corpo como componente do fenômeno humano – é o próprio fenômeno humano!”

É muito importante entendermos que o morrer não significa a morte, mas sim o modo como transpomos os fatos mais marcantes em nossa vida biológica, psicológica e espiritual. Exemplo: nossas formas ou *gestalten* biológicas do desenvolvimento (criança, adolescente, adulto e velho). O surgimento e o desaparecimento de emoções intensas e alterações de credo em função de nossos níveis de consciência nos liga com algo indefinido e divino que tenta explicar

nossas ações temporais na vida biológica e pós esta. O nascer e o morrer, então, guardam uma relação direta de como interagimos com nossos valores e expectativas psico e socioculturais.

Psicanalistas, antropólogos, filósofos, assim como Jung, P. Weil, S. Grof, R. Assagioli, J. Campbell, Merleau-Ponty, Jean Ladrière, P. Singer e outros começaram a se preocupar com os limites do conhecimento cartesiano, em que, segundo a tradição, pensa-se na consciência como algo inerente à cabeça, como se a cabeça (o cérebro) fosse o órgão gerador de consciência. O cérebro apenas é um órgão que orienta a consciência numa certa direção ou em função de determinados propósitos. Existe, sim, uma consciência no corpo. O mundo inteiro, vivo, é modelado pela consciência.

Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentá-la. Todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e da vida para a morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos, conforme citou Moyers em sua entrevista com Campbell.

Disse Campbell (1991):

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos.

Através das experiências sensoriais de um bebê no útero materno, a consciência já está associada a modelos de acontecimentos do mundo exterior. Jung (1970), observando esses acontecimentos e verificando que eles não poderiam ser explicados em termos de causalidade linear, formulou um princípio conectivo não-casual, chamado de sincronicidade, que significa que os aspectos da nossa consciência estão significativamente relacionados com o todo, no qual o mundo é um fluxo constante.

O homem pode expandir seus próprios níveis de consciência ampliando-os para uma compreensão mais profunda de sua existência na unidade cósmica. O ser humano não estabelece um crescimento ou compreensão além do pessoal, ou seja, não transcende os limites do seu ego, do espaço tridimensional e de tempo linear, o qual tanto “restringem a percepção do mundo no estado ordinário de consciência”, como define Grof (1988). Convém considerar a barreira sensorial, em que podem ser encontradas emoções residuais e sensações físicas, provindas de ameaças à sobrevivência ou à integridade do organismo. O elemento da dor emocional ou física pode alcançar intensidade tão extraordinária que normalmente é interpretado como ato de morrer. Isso pode ser sentido como graus diferentes de sufocação, pulsação acelerada, palpitações, náuseas, tremores e outras manifestações, podendo estas ser consideradas espectros das experiências que ocorrem num trauma de nascimento biológico, o que pode ser um importante núcleo no processo de sentir a “morte”.

Portanto, para que se possa intervir nas pessoas

que estão em asilos, isoladas em enfermarias ou sendo acometidas de doenças tidas como terminais, não é simplesmente encontrar recursos de tratamentos e técnicas ortodoxas, puramente físicas, mas promover revisões quanto ao estabelecimento dos seus mitos, estabelecimento da história que estas pessoas fixaram durante suas interações desde o útero materno ao seu nível de interação sociocultural. Isto é, precisa-se ajudar estas pessoas a tornarem consciente o que entendemos como “morrer”, como finitude de algo que sempre é comum em nossa vida, conforme S. Kelleman (1992) fala sobre a existência de o grande morrer e de o pequeno morrer. Se entendermos morrer como fim de algo, isto está sempre acontecendo em nossa vida, pois, a cada instante, em uma relação espaço-tempo muito subjetiva, estamos sempre lidando com terminalidades, com inícios e fins. Nossas funções físicas metabólicas estabelecem ritmos de plenitude e vazio, expansão e contração, expiração e inspiração, e assim tanto nos aspectos biológico, social e espiritual estão sempre morrendo e renascendo em algo.

Outro fato que nos confronta com o morrer é a sexualidade, em que dois aspectos permeiam esta forma de relação: o procriar e o prazer que independe desta busca. O ato sexual é culminado por um pico explosivo (descarga orgástica ou um fechamento de uma Gestalt), que parece muito se assemelhar ao processo de morte que é vivido por muitos indivíduos, que experimentam uma fragmentação do ego, uma perda de identidade sexual e uma sensação de estar morrendo ou morrer (GRODDECK, 1994).

Oppenheimer disse: “Eu me tornei a Morte, o Destruidor de mundos”, quando viu explodir a primeira bomba atômica, mas sabemos hoje que isto não será o fim. Talvez venha a ser o fim da vida neste planeta, mas não será o fim do universo, onde ocorrem explosões frequentes em todos os sóis. O final de um ciclo e início de outro é sempre um tempo de sofrimento e turbulência. É uma ameaça que sentimos... Que todos sentem... Temos essa noção do Armagedon que se aproxima.

Campbell (1991) cita: “Morrer para o mundo e renascer nova criatura”. É hoje uma metáfora bastante simples e muito usada. Por que é tão difícil vê-la retrospectivamente também, preferindo-se imaginar uma súbita revogação da Lei Natural em algum momento? Nossa Fé se fortalece e nos reconciliamos com a tradição de nossos ancestrais quando entendemos a metáfora como única verdade e não como narração histórica literal – coisa que jamais a metáfora se propôs a ser. Ligada à morte ou ao morrer tem-se ainda a identificação com o ideal do corpo, que toma formas, que conta uma história vivenciada pelo ser humano. Assim sendo, ideias fraseadas como: “estou velho para isto”, “não posso mais”, “me resta esperar a morte”, chamam a atenção ao fato de que, para uma pessoa se definir como atitude, como limitação ou expressão, ela é sempre identificada com padrões e papéis sociais que circunscrevem a sua existência individual. Portanto, quando se diz “eu estou morrendo”, este tipo de pensar nos confronta com uma possível morte imediata, que pode ou não ocorrer. Isto quer dizer que o Eu (centro) não

precisa estar sempre identificado com algum processo existencial. Segundo Assagioli (1993) e Pierrakos (1998), toda nossa vida se estabelece de acordo com o nosso nível de consciência do Eu e não de “eu”, pois no Eu centro reside o núcleo de nossa responsabilidade e a consciência mais profunda da nossa vontade em existir no nosso morrer.

Todo pensamento começa e acaba no espírito sem deixar qualquer sinal aparente. Isto faz do ato de pensar um ato espiritual e reflexivo, pois reflexão é o ato em que o agente **remete a si mesmo**. É a reflexividade que faz com que o pensamento seja um interruptor da nossa vida no mundo habitual, no mundo das aparências.

Pensar sobre a própria morte é pensar sobre algo que está exclusivamente “dentro de nós”. Não é o mesmo que simplesmente pensar sobre a morte, que pode implicar em se estar pensando sobre algo “fora de nós” como a morte dos outros ou a morte de uma maneira geral. Pergunta-se: o hábito de pensar sobre a própria morte implicaria necessariamente na negação da sociabilidade humana?

A frase **todo homem é mortal** terá o mesmo sentido de **todo homem é natal**, isto é, a morte não será necessária para o indivíduo, assim como não foi necessário que ele nascesse. Segundo Sartre, o nascimento é um fato idêntico ao da morte. São ambos, fatos ocasionais — podem ou não acontecer — e quando acontecem fazem, respectivamente, aparecer e desaparecer o indivíduo do palco do mundo. A morte de alguém é algo que não tem qualquer significado para a sua própria vida — nem é sequer um fato da

vida — ela simplesmente acontece e tira-o do mundo.

O conhecimento destes elementos e o dar-se conta da finitude deles e o surgimento de outros confronta-nos de uma forma preparatória com o grande morrer. Então, para poder morrer, é necessário nascer. Desta forma, é possível a compreensão de que nosso contínuo existencial está ligado ao modo como lidamos com as nossas pequenas mortes (*gestalten* existenciais), que irão formar o todo da morte final (fechamento da *gestalt* biológica) de como em vida morremos e renascemos a cada instante, favorecendo um percurso de morrer saudável que não precisa ser doloroso ou negado, mas simplesmente natural.

“Celebrar é tornar célebre, especial, enaltecido. Se não morrêssemos, nada seria célebre, pois tudo poderia ser vivido uma segunda vez. Ademais, que entediante seria a imortalidade, aqui e agora!” (ZAMPIERI, 2005).

REFERÊNCIAS

- ASSAGIOLI, R. **O ato da vontade**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- GRODDECK, G. **O homem e seu isso**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- GROF, S. **Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. **Que significa pensar?** Buenos Aires: Nova, 1964.
- JUNG, C.G. **Arquétipos e inconsciente coletivo**. Buenos Aires: Paidós, 1970.
- KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1992.
- LADRIÈRE, J. **Filosofia e práxis científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- PIERRAKOS, E. **O caminho da autotransformação**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- SARTRE, J.P. **O Ser e o Nada: ensaios de ontologia fenomenológica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Reportagem – Médico de família. Conversa de Bioética. **Organismo e pessoa: uma perspectiva filosófica**. n. 70. jul. 2004. p. 46- 47. Disponível em <<http://www.vfbm.com/jmf/070-079/07070-4647.pdf>>. Acessado em: 08 jul. 2005.

ZAMPIERI, G. **Morte e filosofia**. Disponível em:<
http://ialexandria.sites.uol.com.br/textos/israel_textos/morte_e_filosofia.htm>. Acessado em 5 nov. 2005.

ZUBEN, N. A. **Fenomenologia e Existência**. Uma leitura de Merleau-Ponty. Disponível em: www.fae.unicamp.br/vonzuben/fenom.html. Acessado em 3 de fev. de 2009.

DEALING WITH DYING

Abstract. The biggest existential anguish still is to deal with the end, the final, the death. Dealing the anguish of dying establishes a contradiction between the reality of dying and the process of carrying on with life. This is precisely because the more we live the more our biological system deteriorate, creating the expectation that we are closer and closer to death, despite being alive. What we do not realize is that dying is a consequence of been born, indicating that we are born to die. To think on the our own death is to think about what it is exclusively "inside us", how we deal with the daily process of dying although living, and the process of finally dying.

Keywords: Death. Terminality. Existence. Gestalt.

Recebido em dezembro de 2009
Aprovado em fevereiro de 2010